

## **ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE MACROINVERTEBRADOS EM ÁREAS ÚMIDAS DA PLANÍCIE COSTEIRA NO SUL DO BRASIL**

**FIGUEIRA, Jessika de Melo, FARIA, Fernando Azevedo; BUGONI, Leandro ALBERTONI, Edelti Faria (orientador)**  
**jeeeefigueira@gmail.com**

**Evento: Congresso de Iniciação Científica**  
**Área do conhecimento: Ecologia**

**Palavras-chave:** Wetland; biodiversidade; invertebrados

### **INTRODUÇÃO**

O termo “áreas úmidas” é usado genericamente para caracterizar áreas inundadas permanentemente ou por tempo suficiente para estabelecer condições anaeróbias (TINER 1999). As áreas úmidas da Ilha da Torotama enquadram-se na classificação de AUs Costeiras, que segundo (JUNK et al. 2015) “são todas as AUs naturais, permanentes ou temporárias, com água doce, salobra e salgada, sob influência direta do regime de marés, de intrusões salinas, ou de deposição atmosférica de substâncias dissolvidas ou particuladas, ou de propágulos do Oceano”.

O estudo teve como objetivo avaliar a estrutura da comunidade de macroinvertebrados em áreas úmidas localizadas na Ilha da Torotama, Rio Grande do Sul, Brasil.

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

A biodiversidade de áreas úmidas inclui plantas, invertebrados e vertebrados, sendo muitas espécies endêmicas (GETZNER 2002).

A comunidade de macroinvertebrados constitui um componente biológico fundamental em áreas úmidas, participando ativamente de processos ecológicos responsáveis pelo funcionamento desses ecossistemas, e sendo a principal fonte de alimento para diversas espécies de animais (BATZER & WISSINGER, 1996; WISSINGER, 1999). Nesse sentido, segundo (MALTCHIK et al. 2009) há uma necessidade de promover a conservação de áreas úmidas no Sul do Brasil, independente da área ou altitude, sendo importantes para determinar os fatores ambientais que moldam e mantêm a biodiversidade nesses ecossistemas.

### **MATERIAIS E MÉTODOS**

O estudo foi realizado em uma área localizada na Ilha da Torotama, às margens do Estuário da Lagoa dos Patos, no município de Rio Grande, RS.

Para a amostragem dos macroinvertebrados, foi utilizada rede de varredura, com malha de 250 µm. Foram realizadas três coletas, compreendendo os meses de novembro e dezembro de 2014 e Janeiro de 2015. Cada amostra representa uma passagem da rede em uma área de aproximadamente um metro de comprimento. O material retido na malha foi identificado e acondicionado em sacos plásticos.

Em laboratório, as amostras foram fixadas em solução de etanol 80% com corante Rosa de Bengala. Após pelo menos uma semana, as amostras foram lavadas em peneiras de 500 µm, a fim de obter-se apenas os macroinvertebrados.

Em seguida, cada amostra foi analisada em estereomicroscópio e com auxílio de pinça foram coletados os táxons. Com auxílio de bibliografia específica os macroinvertebrados foram identificados ao menor nível taxonômico possível e calculados os parâmetros: riqueza, abundância e Índice de Diversidade de Shannon.

### **RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Foram coletados 3744 macroinvertebrados aquáticos, distribuídos em 29 táxons. A maior abundância (3159 organismos) e riqueza (20 táxons) ocorreram no mês de novembro. Planorbidae (28,39%) e Hydrobidae (64,92%) foram os mais abundantes, totalizando 93,32% do total de organismos. As famílias Hebridae, Ceratopogonidae, Haliplidae, Elmidae e Aeshnidae foram exclusivas deste mês. Os meses Dezembro e Janeiro apresentaram menor abundância (450 e 135 organismos) e riqueza (14 e 17 respectivamente). Oligochaeta e Odonata foram exclusivos do mês de Dezembro e as famílias Lymneidae, Physidae, Formicidae, Dytiscidae e Veliidae exclusivas para o mês de Janeiro.

O índice de diversidade de Shannon apresentou maior valor no mês de Janeiro ( $H' = 1,97$ ), seguido de Dezembro ( $H' = 0,99$ ) e Novembro ( $H' = 0,96$ ). Quando comparados através de teste t de Student, os meses de Novembro e Dezembro, ( $t = 0,0070$ ,  $gl < 120$ ) Novembro e Janeiro ( $t = 0,2375$ ,  $gl < 120$ ) e Dezembro e Janeiro ( $t = 0,3554$ ,  $gl < 120$ ), não apresentaram diferença estatística significativa quanto à diversidade, com nível de significância  $p < 0,05$ .

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de os resultados serem referentes apenas a uma estação climática, demonstram a riqueza e abundância de invertebrados do local. Novas amostragens deverão acrescentar dados sobre a biodiversidade deste grupo em áreas úmidas da região.

### **REFERÊNCIAS**

- BATZER, D.P. & WISSINGER, S.A., 1996. Ecology of insect communities in nontidal wetlands. *Ann. Rev. Entomol.*, vol. 41, p. 75-100.
- GETZNER, M., 2002. Investigating public decisions about protecting wetlands. *J. Environ. Manage.*, vol. 64, p. 237-246.
- JUNK, W.J., et al., 2015. Definição e Classificação das Áreas Úmidas (AUs) Brasileiras: Base Científica para uma Nova Política de Proteção e Manejo Sustentável. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas. Disponível em: <http://www.inau.org.br/>. Acesso: 18 de agosto de 2015.
- MALTCHIK, L., STENERT, C., SPIES, R.M., & SIEGLOCH, E., 2009. Diversity and Distribution of Ephemeroptera and Trichoptera in Southern Brazil Wetlands. *J. Kans. Entomol. Soc.*, vol. 82(2), p. 160-173.
- TINER, R.W., 1999. *Wetland indicators: a guide to wetland identification, delineation, classification and mapping*. Boca Raton, Florida.
- WISSINGER, S.A., 1999. Ecology of wetland invertebrates. In: BATZER, D.P., RADER, R.B. & WISSINGER, S.A., (Eds.). *Invertebrates in Freshwater Wetlands of North America: Ecology and Management*. New York: John Wiley and Sons.